

# EDUCAÇÃO

## CONTINUADA

ENSINO  
HÍBRIDO  
E NOVAS  
ESTRUTURAS  
EDUCACIONAIS



# N4

# Revista Educação Continuada

## Ensino Híbrido e Novas Estruturas Educacionais

São Paulo - SP, V.3 n.4, Julho 2021

### Conselho Editorial

Prof. Me. Enésio Marinho da Silva  
Prof. Dr. Flávio da Silva  
Profa. Me. Jonathan Estevam Marinho  
Me. André Santana Mattos

### Comissão Científica

Prof. Dr. Flávio da Silva  
Prof. Me. Jonathan Estevam Marinho  
Prof. Me. Enésio Marinho da Silva Jr.  
Prof. Me. Marcos Roberto dos Santos  
Profa. Esp. Maria Aparecida Alves Xavier

### Edição Geral

Prof. Me. Jonathan Estevam Marinho

### Direção Institucional

Prof. Me. Enésio Marinho da Silva

E24

Revista Educação Continuada (Eletrônica) / [Editor Chefe] Prof. Me. Jonathan Estevam Marinho - Vol.3, n. 4 (Julho 2021) - CEQ Educacional - São Paulo (SP): Editora CEQ Educacional, 2021

32p.: Il color

Mensal

Modo de acesso: <<http://www.educont.periodikos.com.br/ed/60d62ef0a9539540ae3b5ca3>>

ISSN 2675-6757 (On-line)

Data de publicação: 30/07/2021

1. Ciências Humanas; 2. Educação; 3. Tecnologias de Aprendizagem;

I. Título

CDU 37/49  
CDD 372.358

Bibliotecário Responsável: Emerson Gustavo Nifa | SP-010281/O



CEQ Educacional

R. Airi, 20 • Tatuapé • CEP: 03310-010 • São Paulo-SP • Telefones: 11 2546-7326 | 11 2841-2411

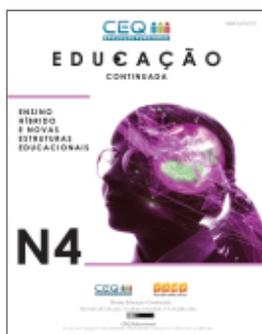
# Revista Educação Continuada

<http://www.educont.periodikos.com.br/current>

**E D U C A Ç Ã O**  
CONTINUADA

ISSN 2675-6757

## Sumário



### **3(4), 2021 Julho (Ensino Híbrido e Novas Estruturas Educacionais)**

Nesta e nas próximas edições deste ano de 2021, a revista Educação Continuada pretende reunir trabalhos que possam discutir as estruturas educacionais do ensino híbrido e o possível impacto no futuro da educação.

---

#### **ARTIGO CIENTÍFICO**

p. 5 - 14

#### **CONTANDO HISTÓRIA**

Diana Macedo da Silva

---

p.15 - 22

#### **A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)**

Tânia Cristina Viana Lemos

---

p. 23 - 32

#### **O LÚDICO NO PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR E SOCIAL DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL**

Alexsandra Ricz de Melo Souza

---



## CONTANDO HISTÓRIA

Autora: Diana Macedo da Silva

## RESUMO

Esse trabalho visa uma reflexão sobre a importância de contar histórias desde muito cedo e como influencia positivamente na formação do ser humano, esse ato está presente na história da humanidade, servindo de garantia da continuidade das culturas, crenças e mitos dos povos, assim são transmitidos de geração para geração as informações. Além disso, esse movimento proporcionar momentos de encantamento e magia buscando fazer com que as crianças aprendam através do lúdico. Dessa forma, a história vem educar e sensibilizar reunindo as imagens, palavras e imaginação, desenvolvendo diversas capacidades, inclusive a socialização, criticidade e a resolução de problemas. Dentro da família, no berço a criança já deve ter contato com esse mundo fantástico das histórias, em seguida, na escola o professor deve utilizar da contação de história com forte aliada no processo de ensino-aprendizagem, levando o aluno para dentro da narrativa, ampliando as possibilidades e fazendo questões de antecipação que introduzem o educando no texto, desta forma ele se torna protagonista, reflete, discute e debate temas importantes, trazidos pelas leituras, o professor é o mediador do processo. A escola possibilita que o jovem tenha contato com os diversos gêneros, de acordo com a faixa etária e siga sozinho posteriormente em suas descobertas com as histórias. Fora da escola, temos muitas influências, com profissionais, internet e meios tecnológicos para despertar o interesse do público pelas histórias, ressaltando o entretenimento e o prazer pela arte. Todavia, a contação de história faz parte da formação da humanidade e continuará sempre presente na vida do ser humano.

**Palavras-chave:** contação; história; imaginação.

## INTRODUÇÃO

Há milhares de anos contar histórias é uma arte que ocupa a imaginação e criativa do homem. Bem antes da invenção da escrita o ser humano já contava histórias. Elas servem para divertir, ensinar, aproximar as pessoas, relembrar, transmitir conhecimento, refletir ou apenas para passar o tempo.

Segundo Malba Tahan (1966, p.24)

“até os nossos dias, todos os povos civilizados ou não, tem usado a história como veículo de verdades eternas, como meio de conservação de suas tradições, ou da difusão de ideias novas.”

Atualmente a humanidade ainda mantém o costume do usar a oralidade para contar as histórias, contudo também são apresentadas de outras formas, elas são escritas em forma de quadrinho, livros diversos, transmitidas em vários programas de televisão e rádio, em filmes de diferentes gêneros e faixas etárias e até mesmo em peças de teatro. As histórias fazem parte da humanidade e a humanidade se retrata nela.

Com o uso da tecnologia e da internet, a contação de histórias fica cada dia mais acessível, qualquer um pode procurar um determinado assunto, encontrar uma história sobre ele, mas é importante pesquisar muito bem, para encontrar algo confiável, principalmente para não divulgar falsas informações.

Na escola a contação de história serve de aliada para desenvolver a aprendizagem e diversas reflexões, introduzindo diversos conceitos dos conhecimentos estudantis, diversidade, respeito, saúde e muito mais para a formação e constituição de valores e saberes para a vida. Muitas situações problemáticas dentro do contexto educacional, podem ter um eixo nas histórias, para buscar as soluções, de maneira reflexiva e coletiva. É um apoio lúdico prazeroso e eficaz na formação de cidadãos críticos, que possam melhorar a nossa sociedade.

“A criança e o adulto, o rico e o pobre, o sábio e o ignorante, todos, enfim, ouvem com prazer as histórias – uma vez que essas histórias sejam interessantes, tenham vida e possam cativar a atenção. A história narrada, lida, filmada ou dramatizada, circula em todos os meridianos, vive em todos os climas, não existe povo algum que não se orgulhe de suas histórias, de suas lendas e seus contos característicos.” (TAHAN, 1966, p.16)

Há várias formas de histórias como: mitos, contos populares ou folclóricos, quadrinhas, cantigas infantis, fábulas, contos de fadas, parlendas etc.

Os mitos são crenças sem comprovação pela ciência, contos populares ou folclóricos, são narrativas que podem ser engraçadas, causar medo ou contar uma aventura. Alguns contos folclóricos falam sobre heróis poderosos; outros são histórias de trapaceiros espertos. Há ainda aqueles que trazem bruxas, ladrões, fantasmas, caipiras, aldeões ou animais que falam. A coleção *As mil e uma noites*, por exemplo, inclui histórias de muitos tipos. Os contos foram transmitidos oralmente ao longo de muitos séculos e foram publicados pela primeira vez no século XIII, no Oriente Médio.

Quadrinhas, cantigas infantis, fábulas, contos de fadas, trava-língua, parlendas e outras brincadeiras com as palavras, também fazem parte das narrativas folclóricas de um povo e auxiliam no processo de alfabetização das crianças. Elas constroem seus saberes de maneira lúdica e eficiente.

As fábulas são textos curtos, onde os personagens são seres inanimados, com características humanas e sempre trazem um ensinamento. Enfatizam a reflexão e a mudança de hábitos.

Trava-língua brinca com as palavras, ressaltando o lúdico, assim como as cantigas, quadrinhas, parlendas e demais brincadeiras.

Os contos de fadas levam às crianças a um mundo encantado, com muita fantasia, imaginação e diversão. Os

personagens geralmente são princesas, príncipes, dragões, fadas, bruxas, etc. Eles são clássicos na literatura infantil, já passaram por várias modificações desde seu surgimento e hoje temos diversas versões de todos os contos, enfatizando a diversidade, a reflexão sobre os heróis e vilões.

## ORALIDADE

A cultura dos povos era preservada através da oralidade, tudo o que se precisava preservar, como hábitos, crenças, músicas, tradições, receitas etc., eram transmitidos às gerações através da fala.

A oralidade vem bem antes da escrita, contar histórias era a maneira mais importante de passar uma informação ou ensinamento. Todo conhecimento e a cultura eram mantidos através dessa tradição oral, que seguia pelo senso comum, mantendo a cultura dos povos.

Em alguns lugares qualquer pessoa podia contar histórias, em outros apenas os contadores, que tinham essa tarefa na comunidade, tinham voz e respeito pelos demais, mas a memória precisava ser excelente e a criatividade também, pois precisavam desenvolver jeitos atrativos para contar suas histórias e manter seu público, além disso, essa estratégia garantia que o público prestasse atenção e lembrasse. Alguns contadores cantavam ou narravam como poesias, com melodia, rimas e ritmo, para facilitar o entendimento e a lembrança das pessoas.

A tradição oral é formada por várias pessoas de determinadas culturas que ajudam a moldar e manter as histórias, pois sabem da importância e função social que ela tem dentro dos povos, que transmitem suas culturas, para manter a história da vida dos grupos sociais, na maioria das vezes elas são escritas muitos anos depois de terem surgido, temos vários exemplos na história da humanidade. Larossa (1999, p.52) afirma:

“O sentido do que somos depende das histórias que contamos e das que contamos de nós mesmos

[...], em particular das construções narrativas nas quais cada um de nós é ao mesmo tempo, o autor, o narrador e o personagem principal.”

Homero, poeta de tradição oral, organizou várias histórias e é considerado autor dos poemas: “Íliada” e “Odisseia”, que contam a história da Guerra de Tróia, provavelmente escritos séculos depois de terem sido recitados pela primeira vez. Alguns apenas da oralidade, mas no decorrer do tempo surgem outros que concretizam a oralidade com a literatura, divulgando dessas duas maneiras ao mundo.

Na África ocidental, os Griôs, são os mestres da arte das palavras, eles passam oralmente toda a cultura de seu povo, seja com narrações ou músicas.

Nos povos indígenas brasileiros, os mais velhos têm muito respeito de toda a tribo e são responsáveis por passar todos os conhecimentos e cultura de seu povo aos mais novos, para que desta forma, os conceitos não se percam com o passar dos tempos.

No nordeste do Brasil, a literatura de Cordel é bem presente, são poemas cantados, que contam histórias, de maneira divertida, utilizando-se de rimas e improviso. O cordelista vai criando e cantando seus versos, formando estrofes, de forma rimada, com ritmo e emoção.

Segundo Machado (2004, s/p):

“o contador não pode ter a expectativa de ‘silêncio absoluto’ ou querer antes de mais nada ‘contar a história até o fim’, do modo como a preparou, ‘custe o que custar’. Estar presente no instante da narração é dialogar com o que surgir, sem ter sido previsto, revertendo os acontecimentos a favor da história. As histórias se alteram com o tempo, conforme várias pessoas vão contando, pois cada um pode modificá-las, para que possam melhorar o conto, ou porque não lembram mesmo de algumas partes, desta forma, cada vez que a história é repetida, novos trechos podem ser eliminados ou acrescentados, vale a expressão: “quem conta um conto, aumenta um conto”.

## HISTÓRIA DOS CONTOS DE FADAS

Os contos de fadas pertencem à Literatura Infantil, mas encanta pessoas de todas as idades no mundo inteiro. “A Literatura Tradicional apresenta esta particularidade: sendo diversa em cada país, é a mesma no mundo todo” (MEIRELES, 1979, p. 64).

Costuma-se transmitir os contos inicialmente somente pela oralidade, até mesmo porque as crianças aprendem as histórias mesmo antes de serem alfabetizadas, começam assim “Era uma vez...”

Esses contos apresentam sempre uma história com um herói ou heroína, vários desafios, batalhas e no final o bem vence o mal. Eles podem proporcionar às crianças reflexões sobre boas e más ações.

Essas histórias são clássicas da literatura do mundo todo, entretanto nem sempre foram assim como nós conhecemos, o aspecto da fantasia e da ludicidade surgiu com o conceito da Infância, que antes não existia, as crianças eram consideradas adultos em miniatura, sem especificidades de sua idade ou necessidades.

Os primeiros contos de fadas, não eram contos de fadas e muito menos para as crianças, eram feitos para distrair os adultos em seus encontros e reuniões, sendo histórias polêmicas e controversias. Os contos de fadas na versão infantil surgiram na França, no século XVII, graças ao poeta e advogado Charles Perrault, que documentou os contos que só eram transmitidos pela oralidade, isso na corte de Luís XIV. Os contos foram: “A Bela Adormecida no Bosque”, “Chapeuzinho Vermelho”, “O Barba Azul”, “O Gato de Botas”, “As Fadas”, “Cinderela ou a Gata Borracheira”, “Henrique do Topete” e “O Pequeno Polegar”.

São chamados de contos de fadas, porque são histórias que têm sua origem na cultura céltico-bretã, sendo a fada considerada um ser fantástico e tinha importância fundamental nas histórias.

Desta forma, esse gênero infantil surgiu com o

Charles Perrault, mas só foi amplamente difundida posteriormente na Alemanha, pelos irmãos Grimm (Jacob e Wilhelm), a partir de diversas pesquisas linguísticas, que tiveram origem nas narrativas orais, eles descobriram muitas histórias do senso comum, que passaram de geração para geração e assim formaram uma coletânea muito importante e conhecida até a nossa atualidade, porém eles inseriram muitas ideias cristãs, que dominavam a cultura da época, assim fizeram diversas alterações nos enredos de algumas histórias, pois algumas tinham muita violência, até mesmo com crianças. Assim organizaram uma coletânea: “A Bela Adormecida”, Branca de Neve e os Sete Anões”, “Chapeuzinho Vermelho”, “A Gata Borralheira”, “O Ganso de ouro”, “Os Sete Corvos”, “Os Músicos de Bremen”, “A Guardadora de Gansos”, Joãozinho e Maria”, “O Pequeno Polegar”, “As três Fiandeiras”, “O príncipe Sapo”, etc.

O conto da Chapeuzinho Vermelho na versão de Charles Perrault, não possuía o caçador (que salva a netinha e sua avó das garras do Lobo Mau), a menina ficava nua com o lobo e morria devorada por ele ou em outra versão mais tenebrosa, a menina era enganada pelo lobo, comia a avó e ainda bebia o sangue dela numa taça.

Realmente esses contos inicialmente não eram elaborados com todas as ideias de criança e infância que temos hoje e muito menos eram direcionados para eles, simplesmente para distrair a sociedade. Devemos observar que os tempos eram outros e ainda não havia uma preocupação com aspectos lúdicos que hoje são tão importantes para a formação das crianças. Atualmente sabemos que temas violentos podem influenciar negativamente os pequenos, por isso não aceitamos a linguagem original empregada nas primeiras versões das narrativas. Mas, em uma leitura mais atenta, ainda é possível perceber resquícios do universo assustador que estava inserido nos originais.

Posteriormente o dinamarquês Hans Christian Andersen, que também seguia os valores morais e a fé cristã, inseriu mais histórias neste contexto da Literatura Infantil Clássica, entretanto, suas narrativas eram

consideradas as mais tristes, pois muitas não terminavam com um final feliz e introduziam na criança o pensamento que a vida era um caminho de tortura, mas que seguiríamos até a morte, onde o céu fosse a recompensa.

Assim, é possível notar que os Contos de Fadas, sofreram muitas alterações durante o decorrer do tempo, para eliminar os aspectos negativos das histórias iniciais.

Aqui no Brasil, o maior escritor foi Monteiro Lobato, suas criações fazem muito sucesso com o público infantil e adultos também.

## O QUE É CONTAR HISTÓRIAS?

É uma expressão recente, que favorece a interação dos povos e na escola é importante para introduzir conhecimentos diversos no âmbito educacional e social. Contar história envolve entretenimento, essa atividade é usada para fins culturais, na propaganda é usada para vender produtos em narrativas visuais e emotivas. Nós estamos nessa narrativa social, sendo ativos ou passivos, mas sempre participando da contação de histórias. Ou seja, as histórias fazem parte de nosso dia a dia, na escola, no trabalho, na família, no entretenimento, enfim em nossa vida. Afinal é:

“uma atividade primordial, uma necessidade da existência, uma maneira de suportar a vida. Para conhecer o que somos, como indivíduos e como povos, não temos outro recurso do que sair de nós mesmos e, ajudados pela memória e pela imaginação, projetar-nos nessas ficções; é refazer a experiência, retificar a história real na direção que nossos desejos frustrados, nossos sonhos esfarrapados, nossa alegria ou nossa cólera reclamem. (Apud Yune, 1998, p12)”

A contação de história é algo singular, que faz parte da linha do tempo da humanidade, de maneira importantíssima em todo esse percurso, entretanto hoje se transformou em uma atividade profissional, onde a pessoa

analisa o público-alvo (faixa etária, classe social) e a oportunidade (festas, escolas, aniversários, etc) organiza seu trabalho e em troca recebe um pagamento.

Desta maneira, a contação de história não é só uma atividade cultural popular ou social, é um evento em forma de espetáculos, nos locais ao vivo, na televisão, na rádio, no teatro e muito mais.

O ato de contar histórias permite o resgate da memória afetiva e cultural, ele tem papel fundamental no desenvolvimento das crianças, de maneira prazerosa e lúdica, amplia a imaginação, ajuda a criança a organizar a fala, através de sua escuta e relacionamento com sua realidade.

Antigamente as pessoas se reuniam ao redor de uma fogueira, para se esquentar e contar histórias, para manter suas tradições e sua língua. Assim tudo era passado de geração para geração através da oralidade, garantia a continuidade da cultura dos povos.

Jesus Cristo, símbolo cristã, usava-se de pregações, parábolas, que é uma forma narrativa alegórica, para passar sua mensagem aos homens. Todos entendiam e suas lições são transmitidas até os dias atuais, através da oralidade e de registros.

Esse processo de contação de história favorece um relacionamento cordial entre quem fala e quem escuta, aproximando as pessoas envolvidas, enfatizando a reflexão e mudanças de ações, através de aprendizagens em todos os aspectos possíveis.

Para Rodrigues:

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4).

Na escola podemos tornar possível a construção de aprendizagem relacionada à competência cognitiva da criança, elaborando conceitos, compreendendo o mundo e papéis sociais que terá no decorrer de sua vida, com a contação de histórias, em um espaço preparado para isso, com um contexto simples, que ela possa entender e participar ativamente.

“A criança que ainda não sabe ler convencionalmente pode fazê-lo por meio da escuta da leitura do professor, ainda que não possa decifrar todas e cada uma das palavras. Ouvir um texto já é uma forma de leitura” (RCNEI, VOL. 3, p.141).

O professor tem as histórias como grande aliada no seu trabalho, levando os alunos à discussão, novas leituras, reflexões, ilustrações e escrita de novas histórias. Ela passa a ser reinventada, cumprindo seu papel de estar sempre ativa no mundo.

Segundo Busatto (2003), “esse caminho didático permitirá ao aluno valorizar a identidade cultural e a respeitar a multiplicidade de culturas e a diversidade inerente a elas.”

Além disso, possibilita o debate de diversos assuntos do cotidiano da sociedade, possibilitando o debate de temas éticos, de educação, de cidadania, de diversidade, de diversão e de imaginação que encanta os pequenos.

A literatura na sala de aula pode ser trabalhada de várias formas:

“é através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e ser, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo história, geografia, filosofia, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula” (ABRAMOVICH, 1995, p.17).

Enfim, o ato de contar histórias acompanha o

homem desde os primórdios, os próprios homens das cavernas já narravam fatos do seu dia a dia, como demonstram as inscrições rupestres e seguiu todo o avanço da humanidade, estando presente e preservando a memória, divulgando o conhecimento, garantindo a existência das culturas, religiosidades, entretenimentos, emoções, impressões, leitura de mundo e que a história permaneça viva no mundo.

Para ser um contador é preciso ser um apreciador de histórias, ter prazer e alegria pelo ato, que é tão importante para a humanidade, é necessário ficar atento quanto a entonação da voz, as pausas, o olhar, a expressão facial, a expressão corporal, o espaço e os recursos utilizados, pois o todo esse contexto faz parte do conto e pode contribuir ou não para o momento de Arte.

O repertório também é fundamental para ele, baseando-se em diversas leituras, pesquisas, contações, diálogos, experiências e em sua memória, para poder compartilhar e atingir seus objetivos propostos.

Ao escolher uma história, o contador deve pensar que, além das narrativas da tradição oral, existem os textos literários com narrativas importantes, abordando temas relacionados aos interesses do espectador, despertando-lhe prazer e sentimentos que poderão levá-lo à reflexão e ao interesse por outras histórias, ou mesmo por elaborar novas histórias, a partir da narração inicial.

Depois da escolha, o contador deve apropriar-se dela, ler várias vezes, pesquisar sobre o autor, colocar sua forma no conto, dando cores à história, sentindo o ritmo e as necessidades da narrativa.

É preciso conhecer o público-alvo, pelo menos superficialmente, faixa etária, escolaridade, interesses e preferências literárias, para elaborar como ocorrerá a contação, como será o contexto e desenvolvimento. Machado (2004) destaca que “a intenção é o que move e dá sentido à experiência de contar histórias.”

Os recursos que serão necessários e as estratégias devem ser planejados bem antes, pois o espectador percebe quando não existe um planejamento da ação. Os recursos externos: espaço, luz, efeitos sonoros, mobiliário, objetos,

ventilação e outros merecem muita atenção, assim como os recursos internos: emoções, voz, olhar, expressão corporal etc.

O improviso deve ser utilizado como aliado na narração, revertendo os acontecimentos inesperados a favor da história, atraindo o público para a participação. Somente a prática auxilia nesse processo positivo de improvisação, a melhor técnica é aquela que possibilita a harmonização entre a intenção, ritmo da narrativa e recursos (internos e externos).

## CONTAR UMA HISTÓRIA É DEFERENTE DE LER UMA HISTÓRIA

Os sete sentidos são aguçados através do contador de histórias, pois surgem imagens e sensações no ouvinte, que viaja com as palavras. As narrativas são carregadas de emoção, elementos significativos (como interpretação e improviso) que auxiliam na interação, história, contador e quem ouve.

O contador recria o conto junto com o público, conservando as partes principais do texto, mas ele ganha vida e mais sentido com as trocas. Contar histórias envolve improviso, interação e muitos elementos na narrativa.

O leitor de histórias, empresta sua voz ao texto, respeitando as características específicas do texto, bem com as escolhas do autor. Ler uma história é respeitar sua linguagem original, é promover o encontro do ouvinte com a leitura, adquirindo um modelo de leitor, desenvolvendo o prazer pela leitura, escrita e enfatizando a importância dos livros para mais e melhores aprendizagens.

“Porque para formar grandes leitores, leitores críticos não bastam ensinar a ler. É preciso ensinar a gostar de ler. [...] com prazer, isto é possível, e mais fácil do que parece” (VILLARDI, 1997, p. 2)

Contar e ler uma história são diferentes, mas muito importante na arte de divulgar as histórias. Na escola a criança também pode recontar histórias, analisar

oralmente os personagens e fazer muitas reflexões.

“Recontar histórias é outra atividade que pode ser desenvolvida pelas crianças. Elas podem contar histórias conhecidas com a ajuda do professor, reconstruindo o texto original à sua maneira. Para isso podem apoiar-se nas ilustrações e na versão lida. Nessas condições, cabe ao professor promover situações para que as crianças compreendam as relações entre o que se fala o texto escrito e a imagem. O professor lê a história, as crianças escutam, observam as gravuras e, frequentemente, depois de algumas leituras, já conseguem recontar a história, utilizando algumas expressões e palavras ouvidas na voz do professor. Nesse sentido, é importante ler as histórias tal qual está escrita, imprimindo ritmo à narrativa e dando à criança a idéia de que ler significa atribuir significado ao texto e compreendê-lo.” (RCNEI, VOL. 3, p.144).

Um texto escrito segue muitas regras, que são diferentes da oralidade, assim quem ouve a leitura de uma história tem a oportunidade de aumentar seu vocabulário e escrever melhor. Quem ouve uma contação de história fica próximo do conto e pode brincar e se emocionar com ela.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### *A palavra mágica*

*Vou procurá-la a vida inteira no mundo todo.*

*Se tarda o encontro, se não a encontro, não desanimo, procuro sempre.*

*Procuro sempre, e a minha procura ficará sendo a minha palavra.*

*(Carlos Drummond de Andrade)*

O processo de ouvir história é um incentivo aprendido da leitura, da criticidade da criança, busca de resoluções de problemas dos contos e da própria realidade, formando opiniões, possibilitando discussões e reflexões sobre diversos temas.

Uma boa história deve ser interessante, prender a atenção, encantar, despertar a curiosidade, imaginação e principalmente possibilitar que o ouvinte tenha prazer em ouvir aquela narrativa, para enfatizar o gosto pela leitura e até mesmo pela escrita.

Na escola o principal objetivo de se contar história não é a recreação, vai muito mais, além disso. Com esse hábito as crianças terão muitas experiências, desenvolvendo várias formas de linguagem, observação, aumentando o vocabulário, constituindo sua identidade, formação como cidadão para a sociedade, ressaltando sua autoconfiança, a capacidade de resolução de problemas, de debater assuntos diversos e respeito pelo próximo.

O professor conta a história, ele como contador de histórias transforma-se em um mediador privilegiado dentro do contexto da educação quando leva o aluno a pesquisa e a novas produções. A história pode ser recontada com desenhos, com oralidade ou com novas escritas. Esse trabalho é muito importante para os aspectos cognitivos dos educandos em seu percurso escolar.

A contação de história é um momento lúdico, que possibilita muitas interações, ajudando no desenvolvimento global da criança, ele se torna um protagonista do processo, realizando as suas construções, formando a sua personalidade, aprendendo a refletir sobre as situações e buscando as soluções. Desta forma, a educação tem nas narrativas uma ferramenta eficiente para despertar nos alunos muitos saberes, reflexões e ações.

As histórias estimulam o desenvolvimento de funções cognitivas importantes para o pensamento, a escola tem papel fundamental nessas preposições, tais como: o pensamento hipotético, o raciocínio lógico, pensamento divergente ou convergente, as relações espaciais e temporais (toda história tem princípio, meio e fim) e a comparação

(entre as figuras e o texto lido ou narrado).

Através da arte de contar histórias, podemos possibilitar a construção da aprendizagem relacionada à competência cognitiva da criança, permeando a elaboração de conceitos, refletindo sobre as atitudes, formando sua personalidade e identificando papéis sociais que exercerá na sociedade no decorrer de sua vida.

Desde muito cedo, os pequenos têm acesso às contações de histórias, assim a escola pode utilizar esse processo para trabalhar diversos assuntos, pois deve acontecer dentro de um contexto simples e adequado ao entendimento da criança, respeitando sua faixa etária, necessidades e possibilidades.

Quando se conta uma história, começa-se a abrir espaço para o pensamento mágico. A palavra com seu poder de evocar imagens, vai instaurando uma ordem mágico-poética, que resulta dos gestos sonoros e do gesto corporal, embalados por uma emissão emocional... é ele o elo da comunicação. (SISTO, 2005, p. 28)

São extraordinárias ferramentas para a comunicação de valores, porque dão contexto a fatos abstratos, difíceis de serem transmitidas isoladamente, as histórias funcionam assim como eixo para outras possibilidades. É importante ter um diálogo antes do início do movimento, questionando quanto ao autor, perspectivas da narrativa, sobre a capa do livro ou tema da contação.

Na educação infantil, a contação de história representa a primeira maneira de construir conhecimento, alegria e estimular a imaginação das crianças. Ela influencia em vários aspectos, despertando a sensibilidade e o amor à leitura; como na afetividade, na compreensão, estimulando a leitura rápida e interpretação do texto e da aprendizagem intelectual.

Contar histórias é uma arte, certamente. E nem todo professor nasce com o privilégio deste dom [...] entretanto, o uso de alguns cursos fará dele, se não o artista de dotes excepcionais, um mestre capaz de transmitir com segurança e entusiasmo um texto para os pequenos. (DINORAH, 1995, p.50).

Assim dentro da escola, os educadores necessitam

de muita formação, é um processo contínuo e necessário, para efetivamente ter nas histórias uma excelente aliada para atingir seus objetivos dentro da sala de aula.

A voz é o principal recurso, é importante cuidar da dicção, ela deve ser muito bem trabalhada, pronunciando-se todas as letras de cada palavra. É importante também evitar falar muito lento, as pausas são necessárias, mas cuidando sempre para que não sejam prolongadas, cansando o público.

Ainda é possível explorar outros materiais, como deboches fantoches, objetos feitos com material reciclado, objetos simples etc. Quando é apresentado um objeto para a pessoa, dizendo que é um personagem da história, ele consegue desenvolver sua habilidade de abstração, imaginar e reconhecer o ato imediatamente.

A aprendizagem se torna mais significativa com a utilização das histórias, até a criança pode recontar as narrativas, é um meio infinito de descobertas e de compreensão do mundo, podemos contemplar todas as formas de expressão integrando diversas áreas do conhecimento, tornando-as mais ricas, além de proporcionar as crianças vivências e possibilidades muito maiores do que um trabalho sem as histórias.

“(...) entre as aquisições da infância, a riqueza das tradições, recebidas por via oral. Elas precederam os livros, e muitas vezes os substituíram. Em certos casos, elas mesmas foram o conteúdo desses livros.” (MEIRELES, 1979, p. 42)

Os contos de fadas são muito importantes para enfatizar os sentimentos nas crianças, aprendendo lidar com as diversas situações conflituosas, associando vivências, criando conexões de identidade e a convivência com a oralidade desperta o gosto pela leitura.

Ouvir história possibilita o compartilhamento de opiniões e olhares sobre o mundo. Enriquece a comunicação e favorece a interação social. Através da interação social que as crianças são inseridas na linguagem, compartilhando significados e sendo significadas pelo outro.

A leitura é algo importante na formação do ser humano. Amplia o vocabulário, é um grande exercício para a imaginação e incentiva a escrita, pois quanto mais o ser humano lê, melhor ele escreve. Ao ouvir uma história a pessoa imagina todo o enredo da narrativa e é o mesmo que acontece com a leitura, ocorre uma viagem para dentro da história e do fantástico mundo das letras.

Nesse contexto Alves (2006, p. 61) que afirma:

“penso que, de tudo o que as escolas podem fazer com as crianças e jovens, não há nada de importância maior que o ensino do prazer da leitura. Todos falam na importância de alfabetizar, saber transformar símbolos gráficos em palavras. Concordo. Mas isso não basta. É preciso que o ato de ler dê prazer. As escolas produzem, anualmente, milhares de pessoas com habilidade de ler, mas que, vida afora, não vão ler um livro sequer. Acredito piamente no dito do evangelho: No princípio está a Palavra... É pela palavra que se entra no mundo humano.”

É muito importante contar histórias desde cedo para os pequenos, no berço, na cama antes de dormir, é uma ótima forma de criar vínculos e construir bons momentos entre pais e filhos, depois chega à escola, em seus diversos momentos e objetivos, os benefícios transcendem à vida escolar e influência demasiadamente a formação desse estudante e desse cidadão. Ela deve ser estimulada tanto na escola como em casa. A necessidade desse mundo fantástico da leitura e criação, dentro da escola e na vida de qualquer pessoa é simplesmente indispensável, para seu desenvolvimento global.

Os contadores populares utilizam-se da intuição e de suas experiências, através de sua vida vão desenvolvendo sua arte e encantando. Outros buscam estudos para se tornar contadores, buscam se aperfeiçoar essa habilidade se dedicando a muita leitura e ao estudo da língua portuguesa, pois a narração e a declamação não podem ser confundidas, são diferenciadas pela habilidade e envolvimento da plateia.

Porém, quem conta uma história deve dominar as

técnicas de leitura porque esta não dá prazer se for traduzida por atos mecânicos, não precisa pensar em letras e palavras, só se deve pensar nos mundos que saem das histórias e deixar-se guiar numa viagem imaginária (ALVES, 2006 p. 64)

Existe uma diferenciação entre o ator e contador de histórias, o ator está sempre a representar, a se basear na encenação, decorando os textos, mesmo que considere a presença real do público. Já o contador de histórias, fundamenta-se na narração, precisa levar em conta a presença da plateia, suas experiências e sua habilidade com o improviso.

Ana Maria Machado, escritora muito importante na literatura infantil, afirma que: “Ler é muito gostoso, é natural que as pessoas gostem, só falta alguém que desperte esse interesse.” Todos nós somos responsáveis por despertar na sociedade o gosto pela contação de história, pela leitura e pela criação de novas narrativas.

Portanto, a arte de contar histórias contribui demasiadamente na formação global do ser humano, despertando o prazer pela leitura e pela escrita. É um movimento prazeroso, que estimula todos os aspectos de desenvolvimento da pessoa. Deve ser iniciado o mais cedo possível, com apoio das unidades educacionais e família, para assim ressaltar a cognição, socialização, criticidade, imaginação, criatividade, oralidade, leitura e escrita em todos os membros da sociedade. A criança que está envolvida nesse mundo de arte se torna protagonista de suas próprias histórias e a sociedade ganha um cidadão crítico, que respeita a diversidade, que consegue resolver seus próprios problemas, assim como os personagens resolveram os seus, ou mesmo criar novos finais, novos personagens e novos caminhos para as narrativas conhecidas ou não. É ser repleto de ferramentas para construir sua própria história de vida.

## REFERÊNCIAS

- Abramovich, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras E Bobices**. 2.Ed. São Paulo: Scipione; 1991.
- Alves, R. **Entre A Ciência E A Sapiência: O Dilema Da Educação**. São Paulo: Loyola, 2006.
- Brasil, **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Secretária De Educação Fundamental. Brasília. Mec, 1998.
- Busatto, Cléo. **Contar E Encantar: Pequenos Segredos Da Narrativa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- Busatto, Cléo. **A Arte De Contar Histórias No Século Xxi**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.
- D'ambrosio, B. S. **"Como Ensinar Matemática Hoje."** Temas E Debates 2.2 (1989): 15-19.
- Dinorah, Maria. **O Livro Infantil E A Forma Do Leitor**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1995
- Larossa, Jorge. **Pedagogia Profana – Danças Piruetas E Mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica,1999.
- Machado, Ana Maria. **Como E Por Que Ler Os Clássicos Universais Desde Cedo**. Rio De Janeiro: Objetiva, 2002.
- Machado, Regina. **Acordais: Fundamentos Teóricos – Poéticos Da Arte De Contar Histórias**. São Paulo: Dcl 2004.
- Meiros, Cecília. **Problemas Da Literatura Infantil**. São Paulo: Summus, 1979.
- Referencial Curricular Nacional Para A Educação Infantil**, Ministério Da Educação E Do Desporto, Secretária De Educação Fundamental. Brasília: Mec/ Sef, Vol.3, 1998.
- Rodrigues, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, Arte E Contação De Histórias**. Goiânia, 2005.
- Sisto, Celso. **Textos E Pretextos Sobre A Arte De Contar Histórias**. Curitiba: Ed. Positiva 2ª Ed. Serie: Praticas Educativas, 2005
- Tahan, Malba. **A Arte De Ler E Contar Histórias**. 2. Ed. Rio De Janeiro: Conquista, 1961.
- Villardi, Raquel. **Ensinando A Gostar De Ler: Formando Leitores Para A Vida Inteira**. Rio De Janeiro: Qualitymark, 1997.

